

CIDADE SEM NOME

revista eletrônica

artigo publicado em fevereiro /2006

GRACIAS (OBRIGADO)**Julio C. Baudouin**

Buenos Aires

Abro el tacho de la basura, saco la bolsa casi llena y le hago un nudo. Pongo las botellas vacías de vidrio y de plástico en una segunda y hago otro nudo. Tomo la llave y cargo con ellas hasta la puerta de calle. Como verán, el rito agónico de todos los días ejecutado en automático, la mente en blanco guiando al androide hacia la noche que cae. A diez metros una nena de no más de 8 años está sentada en la piedra gris del borde, con los piecitos en el asfalto. Cartonera. O más propiamente, cartonerita. Le señalo la bolsa de envases y le digo si lo quiere.

Se levanta inmediatamente, viene hacia mí y se la entrego. Hubiera sido todo en automático también, pero sucede que su voz infantil, dulce, me da las “*gracias*”. Es como si me atropellara un auto. Me da las gracias porque le regalo basura. Basura. Y me lo agradece, yo soy un señor, considerado, para el que la basura es un bien social, algo que su buena conciencia le obliga a dar a los pobres niños. ¡Cuánto mejor sería que me mandara a cagar! ¿Es que hay alguien en este país bendito que viva de la basura? ¿Un país tan hermoso, tan lleno de vacas, chanchos, trigo, maíz? ¿Y con gente maravillosa que busca mercados para exportar a la madre, para exportar el alma y cualquier cosa por la que consiga dólares, euros o cocaína? La nena me da las gracias y se va contenta con su bolsita de basura. Es nuestro deber juntar toda la que podemos en un país donde sobra. Porque la basura no se tira.

Pego o saco de lixo e faço um nó. Coloco as garrafas vazias de vidro e de plástico dentro de um outro saco e faço mais um nó. Carrego os sacos até a porta da rua. Como vocês podem apreciar, é o rito agônico diário, executado em piloto automático por mim, a mente em branco guiando ao andróide. Dez metros além, na escuridão da noite, uma garotinha em torno de 8 anos está sentada na guia de pedra gris da calçada, com os pés no asfalto. Catadora. Junta cartão. Mostro para ela o saco do vasilhame e pergunto se o vai querer. Levanta imediatamente, vem junto a mim e o pega.

Era para ser tudo também em automático, mas aconteceu que sua voz infantil, doce, falou “obrigado”. Tive a sensação de ser atropelado por um carro. Falou “obrigado” porque eu dei lixo para ela como presente. Lixo. E agradeceu, eu sou um senhor que tem consideração por ela, sou boa pessoa porque o lixo para mim é um bem social, algo que minha boa consciência obriga a dar às crianças pobres. Quanto melhor para a dignidade seria me mandasse tomar no...! Será que alguém neste país privilegiado vive do lixo? Um país cheio de vacas, porcos, trigo, milho? E com pessoas maravilhosas que procuram mercados para exportar a mãe, para exportar sua alma e qualquer coisa a troca de dólares, euros ou cocaína? A garotinha falou “obrigado” e foi embora feliz com seu saco de lixo. É dever nosso juntar todo o lixo que pudermos em um país onde abunda. Porque o lixo não deve se jogar no lixo.

Nota dos Editores

Os artigos publicados em **CIDADE SEM NOME** não refletem opinião ou concordância da equipe editorial da revista, sendo o conteúdo e a veracidade dos artigos de inteira e exclusiva responsabilidade de seus autores, inclusive quanto aos direitos autorais de terceiros.

Os autores ao submeterem os artigos a **CIDADE SEM NOME** consentem no direito de uso e publicação dos mesmos por meios eletrônicos e outros (eventualmente em parcerias com terceiros), com finalidades acadêmicas, culturais e artísticas, de debate e divulgação de informação. Ou seja, os artigos publicados passam a fazer parte do acervo de **CIDADE SEM NOME**.